

**ORIENTAÇÃO SEXUAL, DEFICIÊNCIA VISUAL E INCLUSÃO:
DESVELANDO SENTIDOS A PARTIR DO FILME “EU NÃO QUERO
VOLTAR SOZINHO”**

Alessandro da Silva Guimarães

Deonato Feltz Junior

Hiran Pinel

Este artigo objetiva fazer uma análise do filme de curta-metragem brasileiro “Eu não quero voltar sozinho”, de Daniel Ribeiro, a partir de uma perspectiva fenomenológica e existencial, buscando compreender e desvelar os sentidos de ser-sendo jovem deficiente visual em processo de descoberta do desejo e da sexualidade. O filme aparece com uma trama muito interessante para pensarmos algumas questões relevantes para refletirmos a questão da inclusão em dois aspectos: o da deficiência física e o da diversidade sexual. Ele aborda a vida de um adolescente com deficiência visual e como ele lida com questões escolares, com os amigos e com sua sexualidade. Como o título do trabalho sugere, pretendemos descrever algumas situações enfrentadas pelo personagem Leonardo (Léo) que são oriundas de seu cotidiano (escolar e não-escolar) percebendo-o não apenas como um aluno, mas como um jovem tal como tantos outros em sua idade. Obviamente, este artigo não pretende esgotar as possibilidades de interpretação desse filme, mas oferecer reflexões relevantes para pensarmos alguns temas por ele trazido que são transversais às nossas práticas como educadores e como pesquisadores no campo da diversidade e da educação inclusiva. A nossa opção de análise e de sustentação teórica é o método fenomenológico-existencial, que constrói uma série de críticas ao solipsismo e ao universalismo abstrato típico das ciências modernas, almejando resgatar os diversos sentidos e significados criados e recriados a partir das relações estabelecidas entre homem e mundo, que não são constituídos como um a priori, mas sempre se dão a partir do movimento da própria existência. Tomando as categorias de mundo da vida (Lebenswelt) em Edmund Husserl (compreendida aqui como resgate do horizonte da experiência histórica e existencial do sujeito) e de existencialidade (Existenzialität) e abertura (Erschlossenheit) em Martin Heidegger (compreendendo essa existência como movimento de abertura e de desvelamento dos diversos modos de ser-sendo que vão constituindo-se a partir do horizonte da vida em seu acontecer), pretendemos também com esse trabalho refletir as possibilidades que a fenomenologia-existencial traz para pensarmos a educação inclusiva, focando,

sobretudo, que essas diversidades são existencialmente concebidas e como podem ser (re)significadas pelos seus sujeitos em suas diversidades.

Palavras-chave: sexualidades, deficiência, fenomenologia, inclusão.